REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 46
JULHO A SETEMBRO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



RESENHA – *ADEUS, PIRANDELLO*, de MARCO LUCCHESI. São Paulo: Ed. Rua do Sabão, 2021, 250 p.

Alexandre Marzullo

DOI: http://dx.doi.org/10.19179%2F2319-0868.907

Alexandre Marzullo. RESENHA – ADEUS, PIRANDELLO, de MARCO LUCCHESI. São Paulo: Ed. Rua do Sabão, 2021, 250 p. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-09, ano 21, nº 46, setembro de 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive > 30 de setembro de 2021.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 46
JULHO A SETEMBRO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
ARTE EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

RESENHA **– *ADEUS, PIRANDELLO*, de MARCO LUCCHESI. São Paulo: Ed. Rua do Sabão, 2021, 250 p.**

Alexandre Marzullo[1]

A que coisa é fiel um escritor?[2] Marco Lucchesi, em seu recentíssimo romance *Adeus, Pirandello* não enuncia a pergunta, mas inevitável, a responde. Artista de rara e prolífica capacidade poética, Lucchesi é um escritor que "desestabiliza as certezas de todas as narrativas", como Antônio Torres destaca, com precisão.[3] Sínteses explosivas e expansões surpreendentes; plenamente mercurial entre o sonho e o cálculo, entre o cânone e a vanguarda, entre o documento histórico e a ficção, se na voltagem de sua escrita Marco Lucchesi não consegue evitar um abalo às "certezas literárias", é justamente porque vê adiante delas. Reverberando o famoso dito de Rimbaud, o escritor "se faz vidente" porque pousa os olhos em seu próprio vir-a-ser, em seu precioso "ainda-não", esta teimosia da esperança, chama que persiste mesmo na hora mais escura. Portanto, trata-se de uma escrita atravessada pelo elogio da dúvida; perene desassossego, confronto com a palavra sob o umbral da incerteza: não estaria aí, afinal, a gênese da escritura e da liberdade? "O escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afeto das afecções, a sensação da opinião – visando, esperemos, esse povo que ainda não existe"[4], escreve Deleuze em célebre passagem. E nas palavras do próprio Lucchesi, em testemunho recente sobre seu próprio processo: "Tudo me é incerto. Sei onde está, mas não sei para onde vai. Ou então sei para onde vai, mas não sei onde está. O sentimento-ideia."[5]

---

[1] Mestre em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
[2] Faço uma alusão aqui ao famoso e breve ensaio de Giorgio Agamben "Ideia da Vocação". In *Ideia da Prosa*, 2016, p. 37.
[3] A afirmação de Antônio Torres está na contracapa do livro *Adeus, Pirandello*.
[4] DELEUZE, Gilles & GUATARI, Félix. *O Que É A Filosofia?*, 2000, p. 226.
[5] GUERINI, Andrea, SIMONI, Karine & COSTA, Walter Carlos. *Palavra de Escritor – Tradutor: Marco Lucchesi*, 2017, p. 115.

Alexandre Marzullo. RESENHA – ADEUS, PIRANDELLO, de MARCO LUCCHESI. São Paulo: Ed. Rua do Sabão, 2021, 250 p. *Revista da FUNDARTE.* Montenegro, p.01-09, ano 21, nº 46, setembro de 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/archive > 30 de setembro de 2021.

O belo romance *Adeus, Pirandello* repercute este movimento de busca, esta circum-navegação de foro íntimo e continental na descoberta da palavra. O livro conclui a trilogia iniciada pelo escritor em *O Dom do Crime* (2010), prosseguida por *O Bibliotecário do Imperador* (2013); suponho que cabem aqui uma ou duas palavras sobre as relações filiais entre os três volumes, pois em *Adeus, Pirandello* existem, de fato, muitos elementos em comum com os excelentes títulos precedentes, justificando assim o liame de uma trilogia. São exemplos, a ambientação histórica na cidade do Rio de Janeiro, ainda enquanto capital federal do país, na virada entre os séculos XIX e XX; a narrativa ágil, concisa, inteligente, orquestrada em múltiplos tons e, por consequência, uma presença intertextual, paratextual e metalinguística na escrita; também, uma consideração metafísica, margeante, sobre a existência e seus devires, em doses precisas de ironia e profundidade; e finalmente, o grave mistério de uma morte, algo detetivesco, sobrepairando os três volumes, cada qual com a sua.

Mas se, de um lado, tudo isso é fato e pertence aos três livros, por outro, também considero razoável apontar que em *Adeus, Pirandello* testemunhamos uma sensível diferença em relação aos seus fraternos precedentes; uma diferença, na verdade, circunstancial, mas que talvez se torne mais grave e fundamental pela própria carga histórica que carrega – me refiro, claro, à presença inelutável do tempo-presente nas páginas da narrativa – a vida na pandemia. O que não deixa de ser, de certo modo, uma verdadeira presença de um real que se torna absurdo, por tantos e tantos motivos. Lucchesi orquestra esta presença, à guisa de um maestro; permite que ela se sobreponha, como um diário de jornada, ao relato das idílicas duas semanas vividas por Luigi Pirandello no Rio de Janeiro, em companhia da formidável atriz Marta Abba, no ano de 1927. Um dos maiores dramaturgos de todos os tempos, apaixonado pela grande estrela de sua companhia teatral, de um lado; um escritor impetuoso, perscrutando o horizonte, de outro.

Tal sobreposição de temporalidades – diga-se de passagem, uma característica recorrente não só nos romances de Lucchesi, como em toda sua obra,

como Ana Maria Haddad Baptista aponta[6] – emociona; afinal, são quase cem anos em *cluster,*[7] e ao permitir um matiz confessional na sua escrita, Marco Lucchesi acaba nos oferecendo, também, uma visão da solidão do escritor. Vemos o cotidiano do artista em seu ofício; o ir e vir das palavras, o confronto com a urgência criativa e a impossibilidade de seu fim; e como consequência de tal sobreposição de tempos, vemos, com muita nitidez, uma sobreposição também de rostos – personagens e narrador se confundem, interagem entre si em uma metapoética brilhante. Em suma, Lucchesi se mune de todas as paixões que são típicas em um processo criativo, vertidas em uma literatura que acontece como forma de conhecimento e organização das pluralidades;[8] por corolário, *tudo converge no romance,* e justamente por isso, ao cabo da leitura, Luigi Pirandello e Marta Abba se revelam eternos, suas confidências nos dizem respeito, e o que conversam, conversam em um *italiano universal*. Eu já não me pergunto como isso é possível; apenas recordo uma antiga citação do próprio Pirandello, numa obra pretérita do próprio Lucchesi: "a vida é cheia de infinitos absurdos, os quais, descaradamente, nem ao menos têm necessidade de parecer verossímeis. E sabe por quê, senhor? Porque esses absurdos são verdadeiros."[9]

A força e a agilidade desta "narrativa de narrativas", como *Adeus, Pirandello* evoca*,* com suas páginas por vezes quase aforísticas e tão pessoais, trazem inevitavelmente à lembrança os recentes *diários filosóficos* de Lucchesi,

[6] A esse respeito, ver o excelente ensaio de Ana Maria Haddad Baptista, "Estética do Labirinto-Tempo-Memória na Literatura de Marco Lucchesi", in: BAPTISTA, Ana Maria Haddad, FUSARO, Márcia e LAURITI, Nádia Conceição. *Estética do Labirinto: a poética de Marco Lucchesi*, São Paulo: BT Acadêmica, 2019.

[7] Em termos musicais, um *cluster* designa um agrupamento de tons em uníssono; compreende, pelo menos, três tons adjacentes em uma escala. O uso de um *cluster* chama a atenção pela singularidade de seu resultado, no uníssono de três (ou mais) vozes distintas, com o mesmo volume e tempo de ataque. A analogia que uso no texto, portanto, é a da sobreposição de anos como sobreposição de tons, onde cada ciclo anual se perfaz como um tom distinto, no que sua sobreposição não anula uma ou outra temporalidade: elas ressoam juntas, com o mesmo volume e precisão, e se coabitam nas diferenças.

[8] Nas palavras de Lucchesi, "a poesia é o que organiza a espessura da diversidade." In: *Palavra de Escritor – Tradutor: Marco Lucchesi,* 2017*,* p. 45.

[9] PIRANDELLO *apud* LUCCHESI, *O Sorriso do Caos,* 1997, p. 103.

muito embora – ressalte-se bem – o escopo ali seja completamente outro.[10] No mesmo sentido, a inventividade das formas narrativas no romance remete ao pungente memorial *Os Olhos do Deserto* (2001), uma das grandes obras de Lucchesi; ali, relato de viagens, literatura confessional, poesia de alta voltagem e considerações filosóficas se reúnem no mesmo volume, erguidos sobre as convergências metafísicas entre Oriente e Ocidente. Como se nota, obra polifônica, de ecos e linhas paralelas que misteriosamente convergem, *Adeus, Pirandello* certamente abriga ainda outros paralelos e parentescos filiais com o corpo de obras de seu autor – para além, é claro, de *O Dom do Crime* e *O Bibliotecário do Imperador*, como já exposto. Em tal perspectiva, a leitura do romance traz uma sensação benfazeja de uma grande síntese poética, em altura pouco frequentada; penso ser possível argumentar que tamanha contundência literária no autor deve, provavelmente, corresponder a um entendimento muito particular do que venha a ser a "matéria-livro", ou o seu devir; o livro como jornada, como processo, como embarcação neste mar inventado pelo poeta que é a poesia, e esta, além de oceano, também estrela polar.

Enquanto escrevo, me recordo de uma das primeiras publicações do artista a que tive notícia, a coletânea *O Sorriso do Caos* (1997). Ali, na contracapa, sobre os depoimentos de Antonio Carlos Villaça e Nise da Silveira, Lucchesi, então com 34 anos, escreve uma bonita apologia à infinitude da matéria literária. Transcrevo: "(...) um livro se compõe de pequenos livros, que por sua vez se compõem de outros pequenos livros, formando uma espécie de teia de aranha, uma rede fractal, descrição de descrições, pensamentos de pensamentos, e saudades de Babel."[11] Esta singela, profunda concepção acerca da natureza feroz da literatura – concepção em si mesma interdisciplinar, como se nota – impressiona tanto mais pela constância com que permeia, ela mesma, o vocabulário poético do próprio

[10] *Trivia* (2019), publicado pela Editora Patuá, e *Vestígios: diário filosófico* (2020), publicado pela Tesseract Editorial (e-book).
[11] O trecho citado, disponível na contracapa do livro, é um destaque da Introdução da obra. Ver *O Sorriso do Caos,* p. 9.

artista. Veja-se, a título de testemunho, o excerto do prefácio de seu volume de ensaios *Ficções de Um Gabinete Ocidental,* publicado mais de uma década depois de *O Sorriso do Caos* (isto é, em 2009): "Defendo a relação íntima do livro do mundo – praças e jardins – com o mundo dos livros – o diálogo dos mortos, desde a vitória absoluta do Pantempo. O livro e o mundo são transfinitos. Não sabem e não podem limitar sua capacidade de expansão."[12] E como se quisesse ele mesmo arrematar a íntima discussão, Lucchesi prossegue, ainda mais recente e em mesmo sentido, no intenso e misterioso *Vestígios* (2020): "Ninguém entra duas vezes no mesmo livro. Talvez sequer uma só vez."[13]

Tais considerações são, todas, sinais de um mesmo sentimento, e de uma mesma pronúncia; a grande obra de Lucchesi dirige-se, muito evidentemente, a uma *literatura de literaturas*, cujo melhor dimensionamento talvez seja a imagem de um vasto oceano de oceanos (profundamente azul): o grande pantalassa do Texto do Mundo, diante do qual cessam todos os mesquinhos ruídos e fronteiras humanas. E diante de tal visão, retomo a pergunta que abre esta resenha: *a que coisa é fiel o escritor*? Ou ainda, escrito de outra forma: o que fazer diante de tamanho horizonte de horizontes? Em *Adeus, Pirandello*, Lucchesi *escreve*: "Passo os dias na pequena praia. Cercado de livros e pássaros. O mundo agora é o jardim e a maresia fere meu piano de umidade, mas ele ainda sonha e respira. Ouço a Nona Sinfonia. Beethoven criou o mundo em nove dias e, portanto, não poderá haver fim. Ou se houver, será obrigado a renascer."[14]

A referência à *música,* e de certo modo, à música como *escrita do mundo*, são temas pertinentes para outra iluminação importante em *Adeus, Pirandello* e, em maior grau, para a própria poética de Lucchesi. Vale lembrar que já em *Trivia* (2019), primeiro volume de seu diário filosófico, existe um capítulo inteiro dedicado à Nona Sinfonia de Beethoven. Não somente por isso, em seu ensaio

[12] LUCCHESI, Marco. *Ficções de Um Gabinete Ocidental: ensaios de história e literatura*, 2009, p. 16.
[13] LUCCHESI, Marco. *Vestígios: diário filosófico*. E-book, 2020, posição 173.
[14] LUCCHESI, Marco. *Adeus, Pirandello*, 2021, p. 11.

"Estética do Labirinto-Tempo-Memória na literatura de Marco Lucchesi", Ana Maria Haddad Baptista defende, em Lucchesi, a prevalência de um pensamento musical à guisa de um verdadeiro fio de Ariadne, em sentido deleuziano, capaz tanto de orientar quanto de ambientar as decisões estéticas do escritor, essencialmente *labirínticas*; ademais, como uma legítima fonte sonora, trata-se de um pensamento que, *recursivamente,* reverbera sobre o próprio labirinto que erige.[15] Gostaria, aqui, de chamar a atenção para a afinidade entre as palavras da ensaísta e as palavras de Antônio Torres, citadas no primeiro parágrafo deste texto, sobre a literatura de Lucchesi ser capaz de "desestabilizar as certezas de todas as narrativas"; de certo modo, aqui, tal convergência de visões é um sinal da solidez e da clareza da proposta estética e dos devires do artista. E o próprio Lucchesi comenta, ampliando as luzes:

> [...] sou muitas vezes capturado pela melopeia, como um fio de Ariadne, quando meu labirinto, ou *laborintus,* segundo alguém disse, torna-se mais incerto, escuro e tormentoso. **A música é o fio de ouro, uma janela aberta, luminosa e alta, que me faz prosseguir às cegas.** Tenho um piano dentro de mim e não sei até que ponto esqueceram de afiná-lo.[16] (grifos meus)

Evidentemente, muito mais pode ser dito acerca da importância musical na poética e na própria formação de Marco Lucchesi – e especialmente, claro, em uma obra como *Adeus, Pirandello*. No entanto, como bem sabemos, a resenha enquanto gênero deve primar pela concisão e pelo convite à leitura do objeto resenhado; consciencioso, portanto, refreio-me, e contento-me em buscar alguma síntese. Cogito: se afinal Lucchesi escreve por música,[17] então talvez seja possível considerar sua escrita como *também* uma literatura de cantos e contracantos (e de certa forma, foi o que fiz ao longo desta resenha, de variadas formas). Ora, não por

[15] Nas palavras de Ana Maria Haddad Baptista, "a arquitetura do próprio labirinto [isto é, a poética de Lucchesi] (...) a torna sonora e musical. Uma música que faz desmoronar os territórios e tremer a arquitetura (...) do labirinto." In Estética do Labirinto, 2019, e-book, posição 229-240.
[16] LUCCHESI *apud* BAPTISTA, op. cit., e-book. Posição 251.
[17] Faço aqui outra alusão ao texto de Antônio Torres, na contracapa de *Adeus, Pirandello.*

acaso, foi em termos semelhantes que o filósofo Michel Maffesoli se referiu à literatura lucchesiana: "uma comovente ária de ópera."[18] E se assim o é, então como não lembrar da voz de Dante Alighieri, do alto mais alto do Paraíso?

"*...e per sonare um poco in questi versi / piú si conceperà di tua vittoria.*"[19]

Em suma, prezado leitor. Falamos de uma visão do "Texto do Mundo" mais acima; como *il summo poeta* ensina em seus versos, tal visão exige uma voz e, portanto, exige uma escuta: um *ouvido* – precisa de um *Outro*. Ou, nas excelentes palavras de Marco Lucchesi, na primeiríssima página de *Adeus, Pirandello:* "um poeta falou da educação dos sentidos. *Proponho uma defesa da audição*."[20] Mais leitura, mais ouvintes, mais leitores, mais melopeia. Eis aí a grande obra: pela tinta de seu próprio autor, um romance que apresenta o comovente encontro entre um piano e um ouvido: *Adeus, Pirandello*.

* * *

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da Prosa*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia.* Milano: Oscar Mondadori, 2012.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar*. São Paulo: Editora Patuá, 2020.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad, FUSARO, Marcia & LAURITI, Nádia Conceição (orgs.). *Estética do Labirinto: a poética de Marco Lucchesi*. São Paulo: BT Acadêmica, 2019, e-book.

[18] Citado por Nello Avella na orelha de *Ficções de Um Gabinete Ocidental*, 2009.
[19] Na tradução de José Pedro Xavier Pinheiro (1822-1882), disponível em domínio público: "*...e sendo por meus versos celebrada / melhor se entenderá tua vitória."*
[20] LUCCHESI. op. cit., p. 9.

DELEUZE, Gilles & GUATARI, Félix. *O Que É A Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2000.

GUERINI, Andrea, SIMONI, Karine & COSTA, Walter Carlos. *Palavra de Escritor – Tradutor: Marco Lucchesi*. Santa Catarina: Escritório do Livro, 2017. E-book.

LUCCHESI, Marco. *Adeus, Pirandello*. São Paulo: Editora Rua do Sabão, 2021.

_____ . *Vestígios: Diário Filosófico.* São Paulo: Tesseract Editorial, 2020. E-book.

_____. *Trivia*. São Paulo: Editora Patuá, 2019.

_____. *Ficções de Um Gabinete Ocidental*: *ensaios de história e literatura.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *O Sorriso do Caos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.